

Juventude.br é uma publicação do
**Centro de Estudos e Memória da
Juventude – CEMJ**

Rua Treze de Maio, 1016 - conj. 2
Bela Vista São Paulo - SP – CEP 01327-000
cemj@cemj.org.br www.cemj.org.br

Editor: Fábio Palácio de Azevedo

Capa e diagramação: Cláudio Gonzalez

Assessoria editorial: Fernando Garcia

Preparação e revisão de originais: Fábio
Palácio de Azevedo

Tiragem: 5.000 exemplares

CONSELHO CONSULTIVO DO CEMJ:

Alessandro Lutfy Ponce de Leon, Arthur
José Poerner, Augusto Buonicore, Fabiano
de Souza Lima, José Carlos Ruy, Mary Castro,
Natividad Guerrero Borrego, Regina Novaes.

DIRETORIA DO CEMJ:

Presidente

Fábio Palácio de Azevedo

Diretor de Planejamento e Patrimônio

Fabiana Costa

Secretário Geral

Ronaldo Gomes Carmona

Diretor de Estudos e Pesquisas

Fernando Garcia de Faria

Diretora de Memória

Elisa Campos Borges

Diretora de Cultura

Carolina Maria Ruy

Diretora de Comunicação

Aline Amorim

Diretora de Atividades Educativas e Esportivas

Kátia Sabrina Dudik

A revista **juventude.br** aceita colaborações que
lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a
critério da editoria e do Conselho Consultivo
do CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação
de um artigo não implica em compromisso
da revista ou do CEMJ com seu conteúdo. As
opiniões emitidas são de responsabilidade
exclusiva dos autores. Os artigos enviados não
devem exceder 20 laudas de 1.400 caracteres
com espaços. Artigos maiores dependerão de
acerto prévio com o editor. Os artigos devem ser
enviados no programa Word for Windows e os
originais não serão devolvidos. Citações devem
seguir as normas da Associação Brasileira de
Normas Técnicas (ABNT).



AOS LEITORES

CHE VIVE!

*O “Che” tornou-se um símbolo
de rebeldia, do caráter sonhador
e contestatário da juventude.*

No dia 9 de outubro de 1967 morria em combate, executado pelo Exército boliviano com apoio técnico-militar da CIA, o comandante Ernesto Guevara de la Serna, o “Che”. Fraco e doente após meses de campanha revolucionária nas selvas da Bolívia, Che foi capturado e, poucas horas depois, executado com uma rajada de balas de metralhadora, na surdina e sem qualquer julgamento. Naquela fatídica tarde de outubro de 67 morria Ernesto Guevara, o homem, e nascia o mito do “Che”.

Quarenta anos depois, por ocasião do último dia 09 de outubro, uma série de homenagens, na forma de lançamentos biográficos impressos e audiovisuais, matérias jornalísticas e resenhas sobre sua vida e pensamento tomaram conta da imprensa mundial, seja para resgatar o exemplo de idealismo e combatividade representado pela figura imensa desse combatente revolucionário, seja para tentar desconstruir esse mesmo exemplo através do velho “truque” mediático de apresentar por trás do mito a pessoa comum, com suas falhas, penas, agruras e insuficiências.

Em torno da figura de Che Guevara formou-se um mito carregado de significados. O “Che” tornou-se um símbolo de rebeldia, do caráter sonhador e contestatário da juventude. Ao contrário do que muitas vezes se afirma, esse fenômeno não é mera criação deliberada da indústria cultural. Seria ilusão supor que por trás da força simbólica da imagem do Che nada existe além das maquinações de jornalistas e demais formadores de opinião, interessados em ganhar dinheiro com a imagem do guerrilheiro heróico.

Isso ocorre, sim, pois afinal é da natureza do capitalismo essa capacidade de “fagocitar” e transformar em lucros todo tipo de objetos e imagens, mesmo aqueles cujo significado implica uma negação profunda da lógica do “dinheiro pelo dinheiro”, do culto à especulação financeira, do consumismo, do individualismo e de uma ética derrotista, que vê o futuro não como portador do novo mas como eterna repetição do presente.

Como afirma Augusto Buonicore em artigo nesta edição de *Juventude.br*, “o sistema capitalista tem uma incrível capacidade de incorporar alguns elementos da cultura alternativa, até mesmo revolucionária, e transformá-los em objetos de mercado, formas sem conteúdo, neutras, inofensivas”. Mas até mesmo essa lógica mercantil que parasita a figura do Che tem base objetiva para existir. Como afirma o pensador norte-americano Fredric Jameson, mesmo as armações mediáticas, para que possam funcionar a contento, precisam fornecer ao real, por mínimo que seja, um “grão de paga”.

Como forma de contribuir para o conhecimento e a reflexão das novas gerações sobre o legado de Che Guevara, Juventude.br começa a divulgar nesta edição o Dossiê Che, que será publicado em duas partes.



Foi o herói dos jovens do mundo inteiro nas jornadas rebeldes de 1968, e de todas as gerações e lutas que se seguiram, até nossos caras-pintadas de 1992 e os outros, que vieram depois.

Jamais poderiam os chamados “formadores de opinião” supor que engendraram por sua própria vontade esse notável ícone político e cultural portador de valores críticos da sociedade moderna. Nada disso seria possível se o “Che” não representasse, antes de tudo – como afirma o filósofo João Quartim de Moraes –, “uma corrente profunda da opinião crítica de nosso tempo”. É exatamente por conta disso que, como afirma Augusto Buonicore no artigo citado anteriormente, “a personalidade forte de Che não pode ser presa, capturada, na camisa de força do ícone, da marca, do mito”.

Trata-se, com efeito, de uma constatação incontornável. O interesse comercial na imagem do “Che” não é causa de nada, mas conseqüência do pragmatismo mercantil que cresce, como erva-daninha, em torno da imagem do guerrilheiro, cuja força está associada antes de tudo à existência de um segmento juvenil, com seus anseios de liberdade e transformação, e sua forma rebelde e irreverente de comunicá-los.

É assim que, como assevera Bernardo Joffily em artigo publicado nesta edição de *Juventude.br*, ninguém como o “Che” “encenou com tanta clareza e contundência os anseios de transformação profunda que agitaram a agitam este século e este continente. Foi o herói dos jovens do mundo inteiro nas jornadas rebeldes de 1968, e de todas as gerações e lutas que se seguiram, até nossos caras-pintadas de 1992 e os outros, que vieram depois”.

Quarenta anos depois de sua morte, a juventude de todo o mundo homenageia esse revolucionário que se tornou um ícone das lutas por liberdade e justiça social. Como forma de contribuir para o conhecimento e a reflexão das novas gerações sobre o legado de Che Guevara, *Juventude.br* começa a divulgar nesta edição o *Dossiê Che*, que será publicado em duas partes. Nesta primeira parte trazemos registros biográficos, estudos e crônicas sobre o significado da figura de Che. Na próxima edição, que circula no primeiro semestre de 2008 – quando a juventude de todo o mundo voltará a lembrar de Che por ocasião da passagem do 80º aniversário de seu nascimento –, *Juventude.br* voltará ao tema através da abordagem das idéias e da herança teórica do Che.

Neste momento especial da história de nosso país, quando ganham corpo os debates e o reconhecimento da juventude como segmento social estratégico, *Juventude.br* volta à abordagem das políticas públicas destinadas aos jovens. Desta feita trazemos textos de Danilo Moreira sobre a 1ª Conferência Nacional de Juventude e de Carla Santos sobre o 1º Encontro de Estudantes do ProUni da capital paulistana, realizado pelo CEMJ em conjunto com entidades estudantis. Esses artigos fornecem vivo testemunho do momento favorável que vivemos em nosso país no que diz respeito às políticas de juventude, quando, seja no Parlamento, seja nos diversos níveis de governo, um amplo consenso nacional vai aos poucos se afirmando em torno da premissa de que é preciso ver os jovens como sujeitos de direitos e importantes atores do desenvolvimento.

A fim de retratar como esse novo contexto vem se refletindo a nível dos estados e municípios, *Juventude.br* inaugura nesta edição a seção “experiências em políticas públicas de juventude”, na qual daremos a palavra a gestores de juventude dos estados e municípios, visando a divulgar as ricas experiências que vêm ocorrendo em várias partes do país no que concerne à implementação de projetos e programas governamentais destinados ao público jovem. Esperamos, com isso, contribuir uma vez mais com a noção, cada vez mais disseminada na sociedade brasileira, de que apostar na juventude é investir no país. ❶

